



Apresentação

Greimas, Zilberberg: força de estímulo à continuidade

Ivã Carlos Lopes*

José Américo Bezerra Saraiva**

Eliane Soares de Lima***

De um lado, a espera, essa memória do porvir e, de outro, a lembrança, essa espera do passado – as quais, em conjunto, fazem do eu (passivo) um espaço mnésico por onde esse eu (ativo) circula, se alcança e se reencontra

Claude Zilberberg¹

Se pudermos admitir, com Iuri Lotman, que a história da cultura mostra um complexo vaivém entre períodos de evolução relativamente contínua, por uma parte, e períodos explosivos, por outra, não resta dúvida de que, em nossa pequena escala, estamos atravessando um destes últimos. O ano de 2018 se abriu, para a revista *Estudos Semióticos*, com a segunda metade do dossiê dedicado à memória de Algirdas Julien Greimas, um século após o nascimento do mestre lituano. Duas outras edições, uma em julho (vol. 14, número 2) e esta, agora em dezembro (vol. 14, número 3), completam a atual temporada com artigos que demonstram a fertilidade da área. Entre um número e outro, recebemos a notícia de que um dos grandes discípulos e intérpretes de Greimas, Claude Zilberberg, tinha nos deixado. Ao luto necessário que nos impôs essa sentida perda veio somar-se, ainda em outubro, a constatação, num outro plano, do desastre político do Brasil, mais grave do que se previa, a projetar para o futuro imediato o mais sombrio dos horizontes. Ante as ameaças que já pesam sobre o conjunto do mundo da Educação, da Cultura e das Ciências Humanas, nas quais se insere a semiótica, os semioticistas se unem aos estudiosos dos campos limítrofes no dever de, resistindo, levar adiante seu trabalho. Assim, iniciaremos o ano com um especial em homenagem a Zilberberg, prestando nosso tributo a esse autor que tanto nos ensina e motiva.

DOI: 10.11606/issn.1980-4016.esse.2018.152799

* Editor responsável. Docente pela Universidade de São Paulo (USP). Endereço para correspondência: { lopesic@usp.br }.

** Editor responsável. Docente pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Endereço para correspondência: { jabsaraiva@gmail.com }.

*** Editora responsável. Pós-Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Semiótica e Linguística geral da Universidade de São Paulo e membro do Grupo de Estudos Semióticos da USP (GES-USP).. Endereço para correspondência: { li.soli@hotmail.com }.

¹ *Razão e poética do sentido*. Trad. I. C. Lopes, L. Tatit e W. Beividas. São Paulo: EDUSP, 2006, p. 132-133.

Não é exagero afirmar que, primeiro para um pequeno círculo e depois para muitos, Zilberberg representa, a partir dos anos 1990, um alento, uma fonte de inspiração semelhante ao que terá representado Greimas desde finais da década de 1960. Ambos, resguardadas as diferenças, forneceram, com suas obras, e continuarão a fornecer, valioso material para meditação dos semioticistas, no que se refere à fundamentação epistemológico-teórica bem como no que tange à edificação de utensílios metodológicos para a análise rigorosa de discursos e textos, provendo continuidade à linha de desenvolvimento saussuriana e hjelmsleviana dos estudos da linguagem. Estamos falando de mestre e discípulo, unidos por uma sintonia de referências e propósitos, mas separados pela distância de uma geração, formados e evoluindo em contextos distintos. Há entre eles uma continuidade de tipo problemático: Zilberberg, é verdade, refere-se constantemente à obra do grande lituano, só que a lê a seu modo, filtrando tudo à luz da processualidade, do dinamismo, da ritmização (e da poetização), das modulações de velocidade, das perturbáveis vicissitudes do devir contínuo. Não que esses traços todos já não estivessem presentes, a bom entendedor, em Greimas, porém será em Zilberberg que eles ganharão o centro da cena, nos marcos de uma reinterpretação profunda da teoria que será preciso avaliar, um dia, em sua correta medida.

Para além das inestimáveis contribuições que a semiótica tensiva de Claude Zilberberg tem trazido à análise das mais variadas totalidades significantes – possibilitando o exame minucioso não apenas de características do plano de conteúdo, mas também do plano de expressão dos textos manifestados por diferentes linguagens sincréticas –, os desenvolvimentos teórico-metodológicos contemporâneos da Semiótica, de modo geral, comprovam, a cada edição da *Estudos Semióticos*, a potência operacional da disciplina na investigação sobre a construção do sentido. Quer se trate do espaço de uma sala de aula ou do discurso das sessões de uma Vara do Tribunal do Júri, ou mesmo do discurso religioso; quer do modo de dizer, e fazer, peculiar à esfera jornalística, ou ainda cinematográfica. Em qualquer dos casos, a teoria semiótica responde positivamente, como demonstram os artigos deste novo número, ao anseio de desvendar o funcionamento da dinâmica de produção e interpretação do sentido em diversos tipos de texto, chegando a depreender os mecanismos de estruturação própria a cada um deles.

Nessa tarefa sempre desafiadora, as propostas da disciplina estão constantemente à procura de aperfeiçoamento, de refinamento do seu instrumental de análise, de abertura para o possível diálogo com outras perspectivas teóricas, conforme se pode perceber nos dois primeiros artigos da edição em pauta.

Em “A noção do conteúdo e da expressão no Percurso Gerativo de sentido”, de Carolina Mazzaron de Castro e Jean Cristtus Portela (UNESP), uma problemática muito cara à Semiótica Discursiva nos últimos anos está em questão: a possibilidade de expansão do modelo do percurso gerativo do sentido ao patamar do plano da expressão. A discussão teórica oferecida por eles se pauta nos princípios e procedimentos metodológicos adotados em análises práticas realizadas por René Lindekens, Felix Thürlemann e Jean-Marie Floch, no âmbito da semiótica visual. Conforme mostram Castro e Portela, desde as décadas de 1960 e 70, com a iniciativa pioneira de Lindekens, seguida pelos estudos propostos por Thürlemann e, sobretudo, por Floch, já se tentava esboçar uma metodologia de análise que desse conta não apenas do plano de conteúdo dos enunciados examinados, mas também do plano de expressão, procurando compreender o percurso gerativo de sentido em textos sincréticos por meio da correlação entre os dois planos da linguagem, ou seja, das relações semissimbólicas que se estabelecem entre eles e que podem ser observadas pela materialidade significativa. Os trabalhos desses

autores estudados, que tomam por base os conceitos hjelmslevianos de forma e substância (do conteúdo e da expressão), trazem ao centro da discussão, como se pode perceber ao longo do artigo, o papel que a leitura conotativa dos mecanismos sensoriais de percepção exercem na produção de sentido, principalmente pela investigação das formas e das substâncias dos planos de conteúdo e expressão dos textos visuais submetidos a análise.

Já o artigo de Conrado Mendes (PUC-Minas), “Semiótica Discursiva e Comunicação: questões sobre linguagem, texto e interação”, apresenta a possibilidade de articulação entre os campos da Semiótica Discursiva e da Comunicação, a partir de noções-chave como linguagem, texto e interação, tomando a primeira como principal ponto de interseção entre as duas áreas. Seu objetivo é chegar a um ponto de vista semiotizado sobre a *comunicação*, entendida então como processo, como práxis enunciativa, com o texto concebido para além da sua significação *stricto sensu*, como simulacro de todos os elementos do processo comunicativo. Sem deixar de lado a especificidade de tratamento do conceito de interação em cada um dos dois campos, Mendes busca mostrar em seu texto – com base na proposta dos quatro tipos de regimes de interação desenvolvida por Eric Landowski – como dar conta da complexidade intrínseca aos processos comunicacionais e/ou interacionais.

Preocupada também com a práxis, mas numa perspectiva mais específica, porque com objeto de análise delimitado, Jaqueline Esther Schiavoni (UNESP), parte, em “*Conexão repórter: elementos identitários em vinheta de abertura*”, do exame de uma vinheta televisiva para desvendar como o fazer jornalístico em formato de reportagem aparece ali representado. Tendo como ponto de partida os princípios teóricos propostos por Jacques Fontanille em seu livro *Corpo e sentido* (2016, original francês em 2011), a autora vai mostrar no decorrer de seu estudo como a identidade desse fazer jornalístico se constrói no enunciado por uma estratégia enunciativa de recuperação do tempo passado, com o ato de reportar colocado entre as instâncias do eu-aqui-agora e do eu-lá-então. Nesse sentido, as construções plástico-figurativas da vinheta buscam, segundo Schiavoni, prestar conta da capacidade eticamente legítima de restituição da experiência e dos traços proporcionados ao corpo enunciante, como forma de atestar, a partir da exploração de diferentes tipos de marcas discursivo-textuais (superfície, diegética, motora, dêitica), que a memória de um corpo sensível é capaz de conservar uma dada contiguidade espacial e/ou temporal, e uma série de interações potencializadas, compensando assim a inexistência da experiência atual. O que, em última instância, como ela explica, acaba por criar o efeito de um dizer-verdadeiro, responsável por legitimar o relato dado.

Esse modo de dizer próprio à esfera jornalística é também discutido no artigo “Estratégias enunciativas – caso *O Estado de Minas*”, de Paulo Jefferson Pereira Barreto (UFC); mas privilegiando desta vez a análise da capa de uma edição de jornal impresso. O intuito do autor é o de investigar os efeitos de sentido produzidos pela composição gráfica – radicalmente diferente do modelo tradicional de capas de jornais –, e o jogo intertextual e discursivo estabelecido com a letra da canção “Que país é esse?”, da banda Legião Urbana. Assim, ao desvelar as estratégias de que se vale o enunciador para garantir a eficácia persuasiva do enunciado em questão e, desse modo, direcionar o rumo das possíveis interpretações, Barreto assinala o papel de destaque desempenhado pela interdiscursividade, enquanto recurso de manipulação discursivo-textual entre enunciador e enunciatário; de um lado, para dissimular o estilo do gênero através dos desvios que propõe na sua forma de dizer, de outro, para fazer crer no que é reportado e, conseqüentemente, mostrar-se digno de credibilidade.

Do jornalístico ao cinematográfico, Taís de Oliveira (USP), também interessada em revelar

a peculiaridade da construção dos efeitos de sentido de seu objeto de análise, apresenta, em “Hábito versus Rotina: um estudo sobre os regimes de sentido no filme *As horas*”, a complexa estruturação dos percursos narrativos das personagens centrais e os modos de interação neles implicados. É mais uma vez a proposta landowskiana de um modelo de regimes de interação que fundamentará o estudo desenvolvido, mobilizando, sobretudo, as noções de hábito e rotina, tais como foram usadas nos trabalhos de Yvana Fachine ao discutir os regimes de fruição da televisão. De acordo com o que mostra Oliveira, as três narrativas, entrecruzadas no filme, são construídas de maneira homóloga, não apenas no que diz respeito às semelhanças temáticas, mas também na manutenção do choque entre os diferentes modos de vivenciar o cotidiano por parte daqueles que são modalizados pelo querer, e dos que o são pelo dever. Isso, conforme ela conclui, enriquece a intertextualidade entre os casais de cada um dos tempos retratados, contribuindo para a confecção de uma narrativa única, humana, que transcende a história das personagens que a contam.

Numa abordagem semiótica mais clássica, o artigo “Articulações entre o desejo e a proibição no cartaz do filme *Lolita*”, de Felipe Santos dos Reis (UFPB), dedica-se não ao exame do filme de Kubrick em si, mas do cartaz de lançamento teatral de *Lolita* (1962). Interessa ao articulista depreender a maneira como a oposição desejo vs. proibição, que opera no nível fundamental do enunciado, e, assim, organiza a construção de sentido do texto, perpassa todos os outros níveis do percurso gerativo do sentido até o nível da manifestação, isto é, do plano da expressão. Por isso, em sua minuciosa análise ele procura explicitar os mecanismos discursivos e textuais adotados para a reconstrução do triângulo amoroso em torno do qual gira a narrativa filmica (e também literária, a propósito), os quais, segundo o próprio autor, “além de garantirem efeitos de sentido que remetem ao discurso erótico, promovem também a integração do texto numa unidade significativa perpassada pelas próprias polêmicas e controvérsias que o filme causou desde seu lançamento em 13 de junho de 1962 na cidade de Nova Iorque”.

Indo para um outro nível de análise, o que propõe Isabel Marcos (Universidade Nova de Lisboa) em “Análise semiótica de um espaço de ensino teórico/prático da *Arquitectura*” é uma semiótica do espaço, preocupada em ultrapassar a apreensão intuitiva das diferenças espaço-culturais para chegar a um conhecimento metodológico do espaço encarnado na vivência dos sujeitos, o seu funcionamento. O objeto da investigação exposta é uma sala de aula teórico-prática destinada ao ensino de arquitetura na Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, concebida como um microuniverso semântico, um *topos*, que produz sentido a partir do seu uso, ou seja, das ações que ali se passam. Assim, a autora se empenha em expor resumidamente a descrição do plano de expressão desse espaço, em sua estrutura espacial e social, para, em seguida, deter-se no exame da forma do conteúdo, da sintaxe narrativa e modal subjacente à prática didática que ali se realiza. Na sequência, ela conclui articulando as informações levantadas em cada uma dessas etapas a partir do que chama de uma “geografia sêmica do espaço”.

Com uma abertura ainda maior para o nível de pertinência da análise, e baseado não nas proposições da Semiótica Discursiva, mas nas da Semiótica da Cultura, de Iuri Lotman, e desenvolvimentos teóricos de outros autores, como Eco, Barthes, Deleuze, Foucault, entre outros, o texto “Marcas do fascismo – semiosfera do tribunal do júri”, de Aline Duvoisin e Thaís Leobeth (UFRS), procura entender como certas características fascistas, pensadas numa perspectiva micropolítica, permeiam as interações realizadas entre os diversos integrantes do Tribunal do Júri. O enfoque do estudo apresentado se direciona, como explicam as autoras,

para uma leitura das interações semióticas que constituem a semiosfera de três sessões da Vara do Tribunal do Júri da Comarca de Porto Alegre, traduzidas e tensionadas nas relações que se estabelecem entre o núcleo e a periferia dessa semiosfera, durante os julgamentos examinados. Problematizam-se, então, as dinâmicas estabelecidas entre os integrantes do Tribunal do Júri a partir da estrutura discursiva, na qual se percebe uma forte disputa de poder impregnada de características fascistas, que estabelecem uma fronteira praticamente intransponível entre o núcleo, mais ritualizado e codificado, e a periferia, conseqüentemente estática e inexpressiva.

A primeira contribuição da seção *Gradustraz* de volta o olhar para o cinema. No artigo “O exercício do acontecimento: estetização da violência em *Pulp Fiction*”, de Zeno Queiroz e Gabriela Santos Silva (UFC), tem-se um belo exemplo da produtividade analítica da semiótica tensiva de Claude Zilberberg. Nele a questão colocada é averiguar quais procedimentos cinematográficos são adotados no conhecido filme de Tarantino para modular os efeitos de sentido causados pela violência, examinando os modos como extensidade e intensidade se articulam na construção do espaço tensivo do enunciado filmico e como isso influencia a experiência estética do enunciatário. Por meio de uma análise cuidada do texto escolhido, os autores demonstram que, valendo-se de certas estratégias próprias ao cinema, o diretor investe em andamentos, tonicidades, temporalidades e espacialidades adequados ao exercício da inteligibilidade. Dessa forma, a violência aparece, conforme eles explicam, em um regime fundamentado na regularidade, com as variações intensivas sendo moderadas sobretudo pela dimensão da extensidade, dificilmente havendo, neste caso, uma saturação de intensidade e, portanto, jamais sendo atribuído à violência um estatuto de acontecimento.

Por fim, o último texto desta seção, “Tradicionalismo maquiado de progressismo: discursos do Padre Fábio de Melo”, de Felipe Ribeiro Camargo, discorre sobre as facetas discursivas de um dos líderes religiosos da Igreja Católica brasileira mais celebrados na atualidade. Para o autor, embora o religioso em questão adote um discurso mais “liberal”, a análise mostra que não há em suas exortações uma mudança axiológica propriamente dita, e sim uma alteração no modo de enunciar, de dizer, e, a partir dele, de interagir com os fiéis, quebrando, nas palavras de Camargo, “o paradigma hierárquico clerical baseado em purismos teológicos, presentes na história da Igreja Católica”. Há aí, segundo procurará mostrar o estudo, uma estratégia discursiva que se aproxima da prática terapêutica, desprendendo-se, portanto, de sanções explicitamente punitivas, que por vezes acabam por afastar os fiéis.

O número 3, do volume 14, da *eS:Se*, no entanto, não termina por aí. Há ainda uma belíssima e detalhada resenha – “Continuidades e rupturas em e com Greimas”, de Mariana Luz Pessoa de Barros (UFSCar) – sobre os dois volumes de um número especial da revista *Semiotica* (n. 214, 2017), organizado por Thomas Broden (Purdue University) e Stéphanie Walsh Matthews (Ryerson University), em homenagem a Algirdas Julien Greimas. Foram reunidos nessa edição 56 trabalhos, escritos em inglês e francês, que juntos somam 1024 páginas nas quais o leitor encontrará, segundo anuncia Barros, a biografia do mestre, cartas, entrevistas e artigos de diversos autores, do mundo todo, voltados a questões teóricas e analíticas, trazendo ainda quatro textos inéditos de Greimas. Trata-se, como ressalta a autora da resenha, de um trabalho de fôlego que, além de celebrar o semioticista, permite reconhecer a fecundidade de seu impulso teórico e metodológico na contemporaneidade; “um mosaico que, de uma só vez, revela-nos o lexicógrafo, o linguista, o semioticista, o mitologista, o etnógrafo, o homem”. A revista *Semiotica*, que tem em Greimas um de seus fundadores, foi criada em Paris em 1969, juntamente com a *International Association for Semiotic Studies/*

Association Internationale de Sémiotique. Hoje, está sob a direção do professor Marcel Danesi, da Universidade de Toronto (Canadá).

A presente edição traz, portanto, com seus dez artigos e a resenha mencionada, um leque bastante variado de opções de leitura. Há diversificação tanto nos objetos escolhidos para análise, quanto nas vertentes da disciplina, nas diferentes análises possíveis e formas de utilização da perspectiva teórico-metodológica da semiótica. Vendo isso tudo num quadro mais amplo, é preciso dizer que 2018 marcou uma temporada especialmente frutífera deste periódico. Os dezoito artigos da parte II do dossiê especial “Homenagem ao centenário de Greimas” (vol. 14, n. 1) foram seguidos de outros tantos nas duas edições seguintes, compondo um período de contribuições não apenas numerosas, mas sobretudo qualitativamente expressivas, a incluir, entre tantos outros, autores como Luisa Ruiz Moreno (Universidad Autónoma de Puebla, México), Alessandro Zinna (Université de Toulouse II, França), Tatit & Beividas (Universidade de São Paulo), Denis Bertrand (Université Paris 8, França), Norma Discini (Universidade de São Paulo), Loredana Limoli (Universidade Estadual de Londrina, Paraná) e, para nossa honra, um texto inédito da fase madura da reflexão de Iuri Lotman, dado a público em nossas páginas pela primeira vez na língua portuguesa, em tradução direta do original russo (vol. 14, n. 2).

Reiteramos, dessa maneira, nossa determinação de fazer da *Estudos Semióticos* uma plataforma que retrate e, ao mesmo tempo, impulse a investigação semiótica, sem condescendência e em toda a riqueza de suas múltiplas correntes de pensamento. Ao cabo de um ano assim tão fértil, o leitor da *eS*:Sehaverá certamente de encontrar alimento para seu desejo de saber. Excelente leitura a todos e até o próximo número! ●

Dados para indexação em língua estrangeira

Lopes, Ivã Carlos; Saraiva, José Américo Bezerra,
Lima, Eliane Soares de.
Greimas, Zilberberg: stimulating strength to continuity.
Estudos Semióticos, vol. 14, n. 3 (2018)
ISSN 1980-4016;

Como citar este artigo

Lopes, Ivã Carlos; Saraiva, José Américo Bezerra; Lima, Eliane Soares de. Greimas, Zilberberg: força de estímulo à continuidade. *Estudos Semióticos*. [on-line] Disponível em: (www.revistas.usp.br/esse). Editores Responsáveis: Ivã Carlos Lopes e José Américo Bezerra Saraiva. Volume 14, Número 3, São Paulo, dezembro de 2018, p. i-vi. Acesso em “dia/mês/ano”.
